

Conversação com bancos recomeça

Brasília — O presidente do Banco Central, Fernão Bracher, e o diretor para a dívida externa, Antônio de Pádua Seixas, viajarão hoje à noite para Nova Iorque, para retomar as conversações com os bancos credores. Segundo o BC, Bracher não levará nenhuma proposta visando a prorrogar as linhas de financiamento de curto prazo, no valor de 16 bilhões de dólares, que vencem no dia 17 de janeiro. Mas ele poderá colocar na mesa a questão da dívida externa dos três bancos recentemente liquidados no Brasil.

A viagem, na realidade, servirá mais para uma apresentação do diretor da dívida externa aos banqueiros internacionais, embora ele já tenha atuado na área, não apenas como funcionário de carreira do BC, como também na condição de superintendente das agências do Banespa no exterior. Na próxima quarta-feira,

Carlos Eduardo de Freitas, diretor da área externa do BC, se incorporará à comitiva, para participar das conversas com o comitê assessor dos bancos, em Nova Iorque, na quinta e sexta-feiras.

Domingo de manhã, Bracher e Seixas irão a Washington, onde permanecerão até segunda-feira. Lá, deverão encontrar-se com diretores do Federal Reserve (o equivalente ao banco central nos Estados Unidos) e, provavelmente, do Fundo Monetário Internacional.

Nos entendimentos com o comitê assessor dos bancos, Bracher, Seixas e Freitas ouvirão muito choro principalmente quanto ao não pagamento, pelo governo brasileiro, de empréstimos no montante de 415 milhões de dólares relativos às operações 63 dos bancos Auxiliar e Comind.

Essa discussão, entretanto, faz parte

do jogo montado pelo próprio Fernão Bracher. Quando quebraram os bancos, ele anunciou que o governo não honraria os empréstimos da Resolução 63 (formalmente, não tem que resgatar essas operações). Depois, anunciou que o Conselho Monetário poderia apreciar uma proposta nesse sentido. Entre uma e outra atitude — que muita gente entendeu como um recuo — Bracher deixou implícita uma senha para que o assunto fosse colocado na mesa das negociações.

O risco dos bancos credores, nessas operações 63, já é um pouco menor que 415 milhões de dólares, pois eles serão ressarcidos com os 25% de cobertura autorizados, como forma de antecipação, pelo CMN. Mas, como ainda sobram alguns milhões de dólares, nenhuma instituição — principalmente norte-americana — desejará contabilizar isso como crédito em liquidação.